

PESQUISA ESCOLAR: APRENDIZAGEM OU ENGODO?

Selma Alice Ferreira Ellwein¹

Resumo: A pesquisa escolar pode e deve ser utilizada como recurso didático. Para isto, sua concepção e uso devem ser alterados na visão de pais/familiares, professores, bibliotecários e alunos. De forma geral, muitos alunos não gostam de freqüentar a escola; isso pode ser demonstrado na perspectiva da escola e da pesquisa escolar no imaginário dos personagens de história em quadrinhos, Calvin e Susie, ainda, Mafalda e sua turma, pois estes refletem a realidade e insatisfação das crianças.

Palavras-chave: pesquisa escolar, educadores/pesquisa escolar, escola, história em quadrinhos.

Introdução

A pesquisa escolar pode ser considerada um método de dinamização do processo de ensino/aprendizagem, e ainda o caminho em que o aluno constrói conhecimentos. Para Oliveira (1999, p. 19), pesquisar significa “[...] dialogar crítica e criativamente com a realidade. Após uma leitura, o indivíduo deve ser capaz de elaborar, criar seu próprio texto, colocando suas próprias idéias”, pois pesquisar não é simplesmente copiar, mas informar-se sobre um assunto podendo opinar e discutir sobre ele.

De um modo geral os professores, principalmente nas escolas públicas, não têm tido condições pedagógicas de proporcionar situações de aprendizagem que oportunizem ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade de questionamento, nem oportunidades de estímulo à competência para a elaboração da pesquisa escolar, de forma que ele possa refletir sobre o tema pesquisado, posicionando-se de forma crítica.

Muitos educadores não usam a pesquisa escolar como princípio educativo, porque eles próprios não sabem pesquisar, provavelmente porque “grande parte dos professores não teve ocasião de aprender bem, por conta de faculdades e cursos ineptos, o que lhes solapa um mínimo de competência técnica” (DEMO, 1998, p. 75). Não se trata de culpar o professor pelo fracasso do aluno e da educação nacional, pois ele é tão vítima do sistema educacional vigente quanto o aluno. Há, porém, outros participantes no processo de realização da pesquisa escolar, como os pais e outros familiares, os bibliotecários, além de, obviamente, os alunos.

Educadores e a pesquisa escolar

Para que a pesquisa escolar alcance seu real objetivo, ou seja, oportunizar o aprendizado ao aluno, é necessário haver interação dos participantes desta “empreitada”.

Quem são estes participantes? Os alunos, os pais, irmãos(ãs), tios(as), avós e avôs, enfim; toda a família, os professores e por último, mas não menos importantes, os bibliotecários.

Pais/familiares

Aos pais e demais familiares cabe por vezes a tarefa de ajudar o aluno na pesquisa, o que não significa fazer por ele. Eles, normalmente, “são obrigados a se transformar em co-autores ou mesmo autores das pesquisas de seus filhos” (SORRÉA, 1983, p. 26). Há pais que, ao verem os filhos atrapalhados com as etapas que a pesquisa requer, tomam para si a incumbência desta tarefa imposta pela escola. Não compreendem que, com esta atitude, não estão em absoluto ajudando seus filhos, pelo contrário, pois quanto mais cedo a criança tiver contato com a atividade de pesquisa melhor será seu desempenho na escola.

Alguns alunos, por falta de incentivo e informação, não vêem vantagens em realizar os trabalhos escolares, livram-se deles, repassando-os a qualquer outro membro da família. Enquanto isto, usam o tempo com “coisas mais interessantes”. Os familiares por sua vez, na “ânsia” de que o aluno obtenha nota para “passar” de ano, acabam realizando o trabalho, sem terem consciência do quanto este estudante está sendo prejudicado. O aluno poderá até tirar uma boa nota, mas estará sendo privado de uma ótima oportunidade de aprender.

A criança precisa ser bem orientada para que o exercício da pesquisa não seja enfadonho. Mas, é necessário que ela mesma a realize, folheando os livros, consultando dicionários e enciclopédias, acessando a internet, utilizando um CD-ROM, ou qualquer outra fonte de informação disponível. Se este aluno for estimulado constantemente e corretamente, a possibilidade dele desenvolver um bom trabalho é bem maior. De acordo com Cauduro (1991, p. 15):

A criança é um sujeito que busca ativamente conhecer o mundo que a rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações [...].

Quem não aprende a pesquisar na escola possivelmente terá maiores dificuldades quando chegar à universidade e/ou quando se ver obrigado, na vida profissional, a efetuar uma pesquisa.

Professores

A tarefa de ensinar é difícil, complexa e cheia de responsabilidades, pois nem todos os professores tiveram a oportunidade de aprender a ensinar. Além disto, a desvalorização salarial, a falta de condições físicas adequadas para se trabalhar e ainda o desrespeito e indisciplina por parte de alguns alunos são apenas alguns dos problemas do cotidiano deste profissional.

A escola atual deve adaptar-se às novas possibilidades de ensino, aos novos papéis que tradicionalmente não eram seus. Hoje a escola não pode mais simplesmente ensinar a ler e a contar. Deve “enriquecer” o aluno, ampliando seu universo educacional. Fragoso (1994, p. 11) define esta nova escola como “[...] uma escola mais educadora e mais integrada. Uma escola preocupada em ensinar e não em ‘fazer o aluno aprender’”.

O professor como agente do processo ensino/aprendizagem pode contribuir com a prática da pesquisa e análise crítica, interagindo com a biblioteca, colaborando com a seleção criteriosa do material disponível no acervo e escolhendo as atividades a serem desenvolvidas; levando a biblioteca a fazer parte do dia-a-dia do aluno até tornar-se indispensável para sua vida escolar.

A escola não pode mais se contentar em ser apenas transmissora de conhecimentos que, provavelmente, estarão defasados antes mesmo que o aluno termine a educação básica. Isto quer dizer, fundamentalmente, que o facilitador do processo de aprendizagem deve promover o ensino baseado na indagação e na busca de novos conhecimentos.

Na realidade, se professores em parceria com os bibliotecários e biblioteca cumprirem suas funções pedagógicas, a pesquisa escolar contribuirá, efetivamente, para o desenvolvimento das potencialidades do aluno na realização e aplicação apropriada dos resultados da pesquisa.

Bibliotecários

O bibliotecário escolar deve manter a biblioteca de acordo com os padrões biblioteconômicos, contudo, precisa ter como objetivo principal o desenvolvimento intelectual do usuário desta instituição. Para atuar em biblioteca escolar é necessária atualização e aperfeiçoamento constantes. Desta forma, esse profissional poderá contribuir com os professores, na preparação do tema de pesquisa e com os alunos, quando estes forem à biblioteca a fim de pesquisar.

A atividade do bibliotecário, exercendo uma atuação pedagógica peculiar, na orientação da pesquisa bibliográfica e na sugestão de leitura, na ação cultural que desenvolve, na dinâmica que imprime ao seu trabalho, faz da biblioteca escolar um campo muito especial, como agência educacional que ele é. Essa característica é o que a distingue das outras bibliotecas, tornando-a ímpar. (BARROS, 1993, p. 3).

O bibliotecário deve, ainda, ser o elo entre a biblioteca e a sala de aula, estando atento aos acontecimentos da escola, ao programa das disciplinas. Deve ser vigilante pois no momento em que o professor solicitar uma pesquisa, deve adiantar-se com o material disponível sobre o assunto a ser pesquisado e, ainda, se não houver material suficiente nos livros de sua biblioteca, ir adiante, procurar em outros espaços, outros formatos.

O bibliotecário e o professor devem juntos planejar as atividades que vão desenvolver com os alunos para disseminar a informação atualizada, útil, adequada e oportuna. A parceria e integração entre estes dois profissionais educadores é de vital importância, pois “o bibliotecário não é [o único] responsável por ensinar o aluno a pesquisar” (MOURA, 1999, p. 10).

De fato a tarefa de ensinar a pesquisar compete principalmente ao professor. É ele quem deve estruturar a pesquisa com os alunos, criando inclusive um roteiro de procedimentos para a realização da pesquisa, mas, ele deve contar com auxílio permanente do bibliotecário. Este último, entre outras coisas, está mais interessado no que diz respeito ao acervo da biblioteca.

O papel do bibliotecário escolar não é apenas prover uma grande quantidade de recursos aos seus usuários, mas é também colaborar com os professores no processo de ensino/aprendizagem, aperfeiçoando e desenvolvendo ações que possibilitem o uso real da biblioteca e de seus produtos e serviços.

Um bibliotecário atuante pode ser o elo entre biblioteca e sala de aula e/ou aluno e biblioteca. Pode “ter um papel efetivo de co-educador” (MILANESI, 1985, p. 50), disponibilizando materiais que possam facilitar as tarefas do professor não só no que diz respeito à pesquisa escolar, mas também no dia-a-dia da escola.

A escola e a pesquisa escolar no imaginário de personagens

A escola, na visão de alguns alunos, não é o que se pode chamar de lugar atrativo. Observamos que grande parte deles vai à escola por obrigação, e isso é facilmente percebido também nos discursos de personagens de histórias em quadrinhos como: Mafalda e sua turma e ainda Calvin e Susie. O mesmo acontece com a pesquisa escolar. A criança considera a pesquisa como uma tarefa tediosa, não uma atividade prazerosa.

Neste trabalho apresentamos a percepção dos personagens citados acima em relação à vida e a escola, complementando com a visão de Calvin e Susie sobre a pesquisa escolar.

Mafalda e sua turma

Mafalda é uma personagem criada por Joaquim Salvador Lavado (Quino). Trata-se de uma menina de mais ou menos seis anos. Muito inteligente e esperta, detesta sopa e é seriamente preocupada com os conflitos mundiais e as questões de ordem político/social. Apesar de contestadora, ela consegue ser bastante irônica sem ser debochada.

Mafalda é uma espécie de líder de uma turma de crianças, que estão presentes em praticamente todas as suas aventuras. Esta turma é composta por: Filipe, Susaninha, Manelinho e Miguelinho. Todos

freqüentam a mesma escola portanto várias situações passadas pela turma tratam deste mundo escolar.

Os colegas de Mafalda não gostam da escola, principalmente Filipe e Manelinho. Filipe tem pavor da escola e vive sonhando em destruí-la para que não seja necessário continuar freqüentando-a.



Manelinho odeia não só a escola mas também as tarefas escolares. Só freqüenta a escola e faz os deveres por meio de ameaças de ser surrado pelos pais por consequência seu desempenho escolar e por suas notas serem muito ruins.



Mafalda questiona os métodos de ensino usados pela professora para alfabetizar os alunos. A educadora usa como recurso frases com diálogos que nada comunicam, mas que são continuamente repetidos para que sejam memorizados (decorados). Basicamente os mesmos diálogos desconexos, contidos em nossas antigas cartilhas para a alfabetização, que tanto foram criticados por Freire (1981, p. 15): “A asa é da ave”, “Eva viu a uva”, ou ainda, “Ada deu o dedo ao urubu”. Na escola da turma da Mafalda o texto é um pouco diferente, mas o comunicado é o mesmo.



A professora é descrita como um ser letárgico, que cumpre mecanicamente o programa para que as crianças “aprendam” a escrever e a fazer contas. Isto torna a aula cansativa, pouco produtiva, fazendo com que os alunos tenham um medo intenso das avaliações e provas.



Aparentemente, as situações escolares vividas diariamente por Mafalda e sua turma são um tanto quanto exageradas, mas retratam a realidade vivida, nos dias atuais, por nossos alunos do ensino fundamental.

Outro aspecto que não deve passar despercebido é que consultamos a obra em que foram reunidas todas as tiras de Mafalda até o ano de 1989 e apesar de várias delas tratarem do dia-a-dia escolar, não encontramos nenhuma tira que fizesse menção à pesquisa escolar, à biblioteca escolar e/ou aos bibliotecários. Aparentemente não há biblioteca na escola da turma da Mafalda. Se há, os alunos não a freqüentam e, pior, não são estimulados pela professora para que passem a freqüentá-la.

Calvin

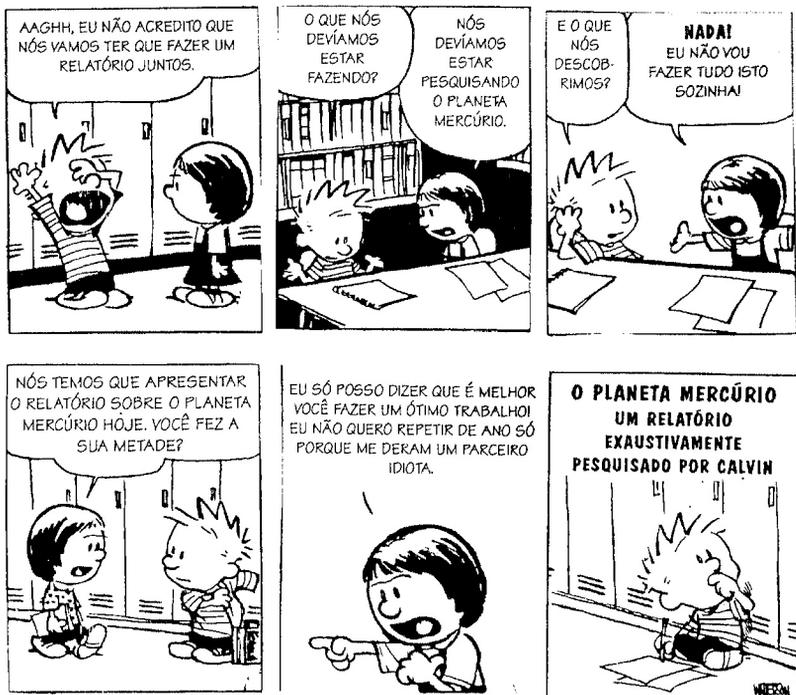
O personagem Calvin é um garoto, também em idade escolar, que possui um inseparável amigo, o Haroldo, um tigre de pelúcia que tem vida. Calvin é criação de Bill Watterson. No ano de 1990 foram reunidas todas as tiras deste personagem em uma só publicação. O dia-a-dia deste menino ilustra de maneira bem-humorada este descontentamento da criança com a escola.

Calvin não acha que a escola seja um lugar muito atrativo. Questiona a educação recebida nesta instituição e a aplicabilidade que o conteúdo didático ofertado nas aulas terá na sua vida adulta e/ou profissional.



Algumas vezes o aluno trata a pesquisa escolar como um exercício mecânico. De uma certa maneira ele tem razão. Dependendo do tema e da forma como é realizada, a pesquisa torna-se uma atividade inútil porque acrescenta muito pouco ao aprendizado.

Em algumas ocasiões a professora estabelece que a pesquisa seja feita em dupla. Os mais espertos tratam logo de encontrar um aluno aplicado para que seja seu parceiro. O intuito principal do esperto é que o aplicado faça o trabalho sozinho e os dois recebam nota. Em uma das histórias de Calvin, ele tem que fazer uma pesquisa sobre o planeta Mercúrio. Sua parceira de trabalho é Susie, uma aluna muito aplicada. Calvin não participa da elaboração da pesquisa e passa o tempo todo brincando. Conclusão: não faz sua parte e não tem conteúdo para apresentar à professora e à classe.



Do ponto de vista de Calvin, brincar, fantasiar, criar histórias é muito mais divertido do que estudar e pesquisar. Porém, a pesquisa como proposta didática deve ter como princípio fundamental incentivar o aluno a buscar informações sobre determinado assunto, como forma de aquisição de novos conhecimentos e/ou aperfeiçoamento de saberes já adquiridos. É necessário, portanto, que o aluno investigue em diferentes fontes sobre o determinado assunto e que altere seu conceito sobre pesquisa, pois fazer pesquisa para muitos ainda é um ato mecânico de transcrever textos e

[...] um aperfeiçoamento do velho ditado, que antigamente o professor fazia da matéria em sala de aula, e que o aluno era obrigado a copiar. Agora a cópia já vem através dos livros e das máquinas reprográficas. (MILANESI, 1985, p. 45).

A pesquisa escolar é um processo complexo, sendo necessário que o aluno adquira algumas habilidades para desenvolvê-lo. É fundamental que sejam dadas à criança possibilidades para aquisição destas habilidades desde as primeiras séries, pois o contato precoce com esse recurso de aprendizagem será benéfico para toda a vida escolar.

Embora a pesquisa escolar tenha sido decretada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases de 1971, nem a escola nem o professor mudaram substancialmente suas atitudes, pois colocaram a biblioteca e os bibliotecários na posição de apêndices do processo educativo e a pesquisa apenas como um ponto final do trabalho do aluno. Silva (apud OLIVEIRA; MORENO; CRUZ, 1999, p. 38) alerta para o fato de que: “não é o método em si que comprova a sua eficácia, é o uso – planejado e coerente – do método que aponta o seu valor em termos de resultados a serem obtidos”.

Existe ainda a necessidade de desmistificar a pesquisa escolar como prática cansativa e desnecessária. Para isto professores e bibliotecários devem unir-se para a construção de um processo de ensino/aprendizagem que possa compatibilizar-se com a expectativa lúdica e emocional do aluno, tendo como diretriz central a obtenção de novos conhecimentos que possam ser realmente usados e aplicados não só na escola mas também na vida do indivíduo.

Considerações finais

É inegável a importância de se descobrirem caminhos que possibilitem a integração de alunos, professores e bibliotecários (ou responsáveis pela biblioteca), visando a realização da pesquisa escolar com bons resultados, para que a atividade cumpra seu verdadeiro papel, ou seja, de desenvolver no aluno a capacidade de análise, comparação, crítica, avaliação e síntese.

O ato de pesquisar melhora a percepção de mundo do aluno que, ao ter acesso às diferentes informações, tem maiores possibilidades de desenvolver a capacidade de observação, compreensão, assimilação e formulação de novas idéias e novos conhecimentos. O aluno quando pesquisa é participativo, ou seja, busca, obtém e formula

resultado, deixando de ser meramente um expectador na sala de aula.

Para que a prática de pesquisa escolar alcance seus objetivos é necessário que haja uma estrutura apropriada, ou seja, uma biblioteca, um acervo de qualidade e devida orientação profissional, seja por parte do professor ou do bibliotecário, para localizar as fontes adequadas para elaboração da pesquisa.

Faz-se necessário, ainda, que professores e educadores de um modo geral repensem a pesquisa escolar, repassando aos seus alunos os verdadeiros propósitos e benefícios desta prática, como instrumento de auxílio para o ensino, de maneira que os alunos não vivenciem os dissabores que os personagens referidos nas seções sobre as tiras de quadrinhos. E que, ao contrário de que se tem presenciado atualmente nas escolas, principalmente nas públicas, demonstrem que pesquisar, definitivamente, não é sinônimo de copiar.

Possivelmente o impasse relacionado à pesquisa escolar só será resolvido quando houver investimentos, atitudes políticas e educacionais envolvendo educadores em geral, criando-se projetos permanentes e ininterruptos, independentemente de gestões das secretarias municipais e estaduais. A utilização da pesquisa escolar como prática pedagógica é possível, necessária e vantajosa, bastando para isto que haja uma ação conjunta e responsável dos educadores e governantes.

Nota

¹ Bibliotecária formada pela Universidade Estadual de Londrina. Endereço: Rua Canudos, 277. Londrina (PR) CEP: 86015-040. E-mail: ellwein@sercomtel.com.br

Referências

BARROS, Maria Helena T. C. Bibliotecário escolar: quem é? **CRB8/ABM Boletim**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 3, jan./mar. 1993.

CAUDURO, Maria de Lourdes. Avaliando formas de produção de textos: destaque para o uso social da língua escrita. **Revista do Professor**, v. 7, n. 28, p. 15-16, out./dez. 1991.

DEMO, Pedro. **Aprendendo a aprender com o professor**: análise de experiências recentes. Curitiba: Base, 1998, 96 p.

FRAGOSO, Graça Maria (Org.). **Biblioteca e escola**: uma atividade interdisciplinar. Belo Horizonte: Lê, 1994, 68 p.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, 149 p.

LAVADO, Joaquim Salvador. **Toda a Mafalda**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, 107 p.

MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica – relatório final. SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1998. Anais... Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999, p. 188-192.

OLIVEIRA, Rita Maria Belém Dias de. Educação científica: recomendações de novos caminhos e estratégias para pesquisa escolar. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 15, n. 58, p. 18-20, abr./jun. 1999.

OLIVEIRA, Sônia Maria Marques de; MORENO, Nádina Aparecida; CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. Diagnóstico da pesquisa escolar, no ensino de 5^a a 8^a séries do 1^o grau nas escolas de Londrina – Paraná. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 1999.

SORRÉIA, S. U. A. Pesquisa escolar. **Educação em Mato Grosso**, v. 6, n. 20, p. 26-29, 1983.

WATTERSON, Bill. **Os dez anos de Calvin e Haroldo**. Cambucci: Best Expressão Social, 1990, 96 p.

Abstract: The school research can and it should be used as didactic resource, for this, its conception and use they should be altered in the vision of the: parents/relatives, teachers, librarians and students. In a general way, many students don't like to frequent the school. The school research in the imaginary of the characters of histories in pictures, Calvin and Susie, and still, Mafalda and hey group, because these reflect the reality and the children's dissatisfaction.

Keywords: school research, school educator-research, school, comics.